

**FANTASIAS DE CARNAVAL DE ALCEU PENNA NEGRAS, MULATAS E  
BRANCAS**

Bruna Martins Pinto

**Resumo**

A seção de fantasias de carnaval publicada na revista *O Cruzeiro* foi um espaço ideal para o ilustrador mineiro Alceu Penna evoluir em seu trabalho de criador de moda. Durante todo o tempo de publicação, que durou trinta anos (entre 1934 e 1964), Alceu apresentou fantasias inspiradas na cultura popular brasileira, incluindo várias figuras afro-brasileiras e mestiças. Mesmo assim, as ilustrações sempre representam moças brancas, tendo sido encontradas somente duas 'mulatas' na pesquisa. As razões dessa escolha de representação e suas implicações serão apresentadas nesse artigo.

**Palavras-chave:** Alceu Penna, *O Cruzeiro*, fantasias de carnaval, representações de mulheres negras.

**Abstract**

The section of the carnival costumes in the magazine *O Cruzeiro* was an ideal space for the illustrator Alceu Penna evolve in their work of fashion designer. Throughout the time of publication, which lasted thirty years (between 1934 and 1964), Alceu presented fantasies inspired by Brazilian popular culture, including several african-Brazilian and crossbred figures. Still, the illustrations always represent white girls, only two 'mulatto' were found in the search. The reasons for this choice of

representation and its implications will be presented in this article.

**Keywords:** Alceu Penna, O Cruzeiro, carnival costumes, black women representations.

Este artigo foi construído a partir de dados obtidos em pesquisa de Iniciação Científica, realizada entre agosto de 2008 e junho de 2009. Durante a pesquisa, de título *Fantasias de Carnaval de Alceu Penna*, foram mapeadas todas as fantasias de Alceu publicadas na revista *O Cruzeiro*, entre 1934 e 1964. A pesquisa foi realizada com bolsa PIBIC do CNPQ, com orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Claudia Bonadio, e também forneceu dados para o meu Trabalho de Conclusão de Curso<sup>1</sup>. Através de pesquisa no acervo da Biblioteca e Centro de Documentação do MASP, foram registradas mais de mil fantasias, e verificou-se que aproximadamente 20% destas eram de temática brasileira. Porém, mesmo mostrando temáticas da cultura popular brasileira em ascensão no período, de forte influência africana, como fantasias de baianas, candomblé, e até mesmo escravas, elas eram representadas em figuras de mulheres brancas. Este artigo pretende investigar os motivos dessa escolha de representação.

As primeiras décadas do século XX definiram os rumos de representação cultural brasileira até os dias de hoje. A 'escolha' do mestiço como o representante cultural do país respondia a um questionamento surgido após a abolição: "Qual o caminho para superar a imagem do passado colonial comprometido pela escravidão e viabilizar o sucesso da jovem República se sua população era majoritariamente negra e mestiça?" (SCHUMAHER, VITAL BRAZIL, 2007, pg. 195.).

As teorias do período ainda atribuíam à miscigenação o atraso do país, e a imigração de europeus era vista como uma forma de estimular o 'branqueamento' da população do país. Na década de 1920, os artistas modernistas entraram em contato com a arte européia, que estava fortemente influenciada por motivos africanos<sup>2</sup>, e passaram a se interessar por elementos da cultura africana presentes no Brasil. Outra

referência internacional a trazer a cultura negra foi o *jazz* norte-americano, que possibilitou o sucesso da primeira estrela negra internacional, Josephine Baker. Apresentando-se nua nos palcos de Paris em 1926, “ela se tornou o influente quanto qualquer estrela de cinema”, fazendo com que a beleza negra passasse a ser admirada<sup>3</sup>. (SEELING, 1999, pgs. 123-125.)



**Figura 01** - A estrela negra Josephine Baker, que percorreu o mundo em performances sempre ousadas. 1927

Esse ‘movimento de valorização do negro’ foi reconhecido no Brasil por Gilberto Freyre em 1926, em artigo publicado no *Diário de Pernambuco*<sup>4</sup>. Freyre foi responsável, na década seguinte, por uma grande transformação no pensamento brasileiro. A partir da publicação de sua obra *Casa Grande e Senzala*, em 1933, a miscigenação, e especialmente a cultura mestiça, passam a ser vistas como aspectos positivos do país. Aproveitando-se das novas teorias, a política populista do presidente Getúlio Vargas utilizou o mestiço e seus produtos culturais, como o samba, o carnaval e a feijoada, como forma de aproximá-lo da população, oficializando essas manifestações culturais. Também na década de 30 (16/07/1930) foi escolhida como

padroeira do país Nossa Senhora da Conceição Aparecida, que “meio branca, meio negra” (SCHWARCZ, 2004, pg. 197) sintetizava a mestiçagem do povo brasileiro.

Tais acontecimentos, porém, não significaram uma melhora das condições de vida da população negra e mestiça. De acordo com Schuma Shcumaher e Érico Vital Brazil, “Da condição de cativos e libertos, eles (os ex-escravos) migraram para a condição de não-cidadãos, situando-se às margens das conjecturas para construção do país” (SHUMAHER, VITAL BRAZIL, 2007, pg. 196). Os autores afirmam ainda que “Diante disso, os afro-descendentes encontraram, em sua grande maioria, muitas dificuldades de acesso à escola ou a qualquer outro tipo de instrumento que criasse subsídios para sua mobilidade social” (Idem, pg. 198). A ascensão da cultura negra e mestiça, portanto, não coincidiu com a ascensão social de seus produtores.

Ao iniciar seu trabalho, o ilustrador Alceu Penna vive em um cenário cultural intenso, agitado por diversas influências nacionais e internacionais. Alceu começa a trabalhar em *O Cruzeiro*, ilustrando capas, e se envolve com o desenho de moda através da criação de fantasias para concursos e para cassinos<sup>5</sup>.

Em meados da década de 30, passa a criar de forma esporádica ilustrações para a seção de modas, e em 1938 cria a coluna *As Garotas*, seu trabalho mais conhecido. Na seção de modas eram apresentadas as tendências norte-americanas e européias. Já nas *Garotas* a moda aparecia como coadjuvante, sendo as principais atrações o humor e o comportamento.

A revista *O Cruzeiro* buscou a popularização a partir dos anos 40, e se tornou efetivamente na década de 50 a publicação mais popular do país. A revista foi um dos meios de comunicação mais importantes do Brasil no século XX, e “chegou a uma tiragem de setecentos mil exemplares incluindo os duzentos e cinquenta mil que iam para outros países como Argentina e Portugal” (BASSANEZI, URSINI, 1995, pg. 243), porém suas matérias sempre retrataram pontos de vista das classes altas e médias. Mesmo não sendo uma revista exclusivamente feminina, os conteúdos dedicados às mulheres ocupavam mais de metade das páginas da revista (SERPA, 2003, pg. 40).

Um exemplo desse ponto de vista é o comportamento ideal apresentado na coluna *As Garotas*. A coluna apresentava o cotidiano de jovens cariocas, com uma

vida social agitada e comportamento ousado. Porém, essa ousadia não ultrapassava alguns limites. As *Garotas* apareciam trocando constantemente de namorado, mas o casamento sempre era o grande objetivo<sup>6</sup>. Assim, o comportamento moderno é almejado até certo ponto, sem ultrapassar os valores conservadores da elite brasileira do período.

As *Garotas* também apareciam se bronzeando nas praias cariocas, mas ter a pele escura não era aceito, como fica evidenciado em diálogo das *Garotas* em 31 de maio de 1941:

Coisas do sol

- Diga-me uma coisa, Silvinha, aquela tua amiga granfina, que tem uma pele tão escura, é queimada de sol ou mulata?

- Ela diz que é queimado... Mas ontem, no vestiário do curso de ginástica, fiquei pensando – onde tomará ela banho de sol sem *maillot*? (“*Garotas e a vida alheia*”, texto de Accioly Netto, Revista *O Cruzeiro*, Ano XIII, n° 27.

Podemos notar que, mesmo que uma mulata esteja inserida na sociedade, ela tem de associar sua pele escura ao bronzeado, nunca às origens mestiças.

Durante o começo do ano as duas colunas apresentavam fantasias para o carnaval. As fantasias deram a Alceu a possibilidade de exercitar a criação de moda, já que na seção de modas sua função era a de reproduzir modelos em voga nos Estados Unidos e na Europa. Mesmo que ele ainda apresentasse nas fantasias referências da moda internacional, as fantasias consistiam em estilizações de modelos como ciganas, pierrôs, palhaços. Grande parte dessas fantasias<sup>7</sup> (20,13%) apresentava temática brasileira, como malandros, baianas, frevos, gaúchos, entre outros. Os símbolos mestiços apareceram constantemente nas fantasias publicadas em *O Cruzeiro*. Mas entre 1083 fantasias registradas na pesquisa, somente duas representam mulheres que não são brancas.

A não apresentação de negras nas fantasias de Alceu Penna provavelmente não refletia uma escolha do ilustrador, já que em seu acervo existem vários croquis com mulheres negras<sup>8</sup>. Como afirma Leoní Serpa, “os assuntos abordados (na revista *O Cruzeiro*) procuravam não ultrapassar um certo limite da ‘ordem social constituída’” (SERPA, 2003, pg. 34), acredito que o público da revista não aceitasse a apresentação de mulheres negras.

Em outro exemplo, notamos que mesmo que os produtos culturais mestiços estivessem presentes no cotidiano das elites (VIANNA, 1995, pg. 95), a postura assumida era de distanciamento:

Assim como existem canções que triunfam entre todas as outras, no Carnaval, também, sem que haja nenhuma combinação prévia, cada ano há uma fantasia que alcança maioria absoluta sobre as outras... Há três anos, porém, que as baianas ganham a palma. Na página vemos a senhorinha Barreto Dias, a última encarnação da “baiana”, naturalmente muito distante da Bahia e suas “minas” tradicionais, porém cheia de graça e beleza (“A baiana venceu!” Revista *O Cruzeiro*, Ano XIV, n° 17, 21 de fevereiro de 1942, grifo nosso).

Notamos nessa reportagem que a utilização da fantasia de baiana pelas mulheres da elite não representa uma relação entre essas duas mulheres. Mesmo que, de acordo com Roberto DaMatta, “uma fantasia, representando um desejo escondido, faz uma síntese entre o fantasiado, os papéis que representa e os que gostaria de desempenhar” (DAMATTA, 1997, pg. 50). Essa ‘síntese’ é totalmente negada pela reportagem, que faz questão de afirmar que a ‘senhorinha’ está ‘naturalmente muito distante da Bahia’.

Outra fantasia apresentada em *O Cruzeiro* mostra que os símbolos negros eram utilizados amplamente no carnaval:



**Figura 02** - Boneca de Pixe!

Saiu da cozinha pelas mãos de Ary Barroso e encarnou-se em Carmen Miranda. Depois outras "bonecas" surgiram pela cidade...

A música de Ary Barroso

Podemos observar que a figura negra é assimilada através da música de um compositor branco, interpretada pela cantora, também branca, Carmen Miranda. Nesse caso, a reportagem fala de uma negra que saiu da cozinha, porém esse fato não é citado na letra de Ary Barroso. A reportagem nos mostra aqui que a mulher negra ainda é diretamente associada aos trabalhos domésticos, e só pode ser 'transportada' para a convivência da elite branca no espaço do carnaval, mesmo assim através de artistas brancos.

Alceu Penna apresentou fantasias semelhantes à 'boneca de piche', em que os corpos brancos estão cobertos de preto. Essas fantasias apresentam três tipos de

roupas diferentes. Uma delas, apresentada em 1960 na coluna *As Garotas*, tem um vestido coberto de retalhos, como podemos observar na **figura 03**:

Além do vestido de retalhos, a fantasia apresenta a malha preta que, em diversas criações de Alceu, 'transforma' a mulher branca em negra para o carnaval.



**Figura 03** - Fantasia apresentada na coluna

As Garotas, composta por malha preta, máscara preta e vestido de retalhos.

27 de fevereiro de 1960.

Aqui, o rosto é coberto por uma máscara preta, e uma peruca multicolorida possivelmente simula os cabelos de uma mulher africana. Esta fantasia pode ser facilmente reconhecida como uma fantasia de 'nêga maluca', comumente utilizada nos carnavais até os dias de hoje.

Outras fantasias se utilizaram do recurso de cobrir o corpo de preto para representar escravos. Essas fantasias apresentavam somente uma calça listrada, peruca de cabelos afro e acessórios de ouro. A fantasia da **figura 04 d** apresenta, inclusive, grilhões quebrados nos pulsos, fazendo referência direta à abolição.

Podemos observar que a primeira fantasia a ser publicada foi a fantasia **04 d**, a única da série que é intitulada 'escrava'. As outras fantasias são intituladas 'maracatu' (**figura 04 a**), 'negrinho' (**figura 04 b**) e 'Kiki' (**figura 04 c**). A fantasia de escrava foi apresentada em uma série de fantasias criadas a partir de marchinhas de carnaval do ano de 1942. Como era de seu costume, Alceu retrabalhou essa fantasia em outros anos.



Fantasias representando escravos. Figura 04 a – 29 de janeiro de 1949; figura 04 b – 10 de março de 1962; figura 04 c – 06 de março de 1943; figura 04 d – 14 de fevereiro de 1942.

Assim, é provável que a apresentação da fantasia de escrava por Alceu não tenha intenção de questionar ou polemizar o passado escravista do país, especialmente pela evidente expressão de alegria da **figura 04 d**.

O recurso de utilizar malhas ou tintas para se transformar em negro foi popularizado através do cinema de Hollywood. No filme *O Cantor de Jazz*, de 1927, o recurso de se pintar é central ao desenvolvimento da trama, e para o pesquisador

Corin Willis, “é uma exploração artística e expressiva da noção de duplicidade e hibridismo étnico dentro do que pode ser chamado identidade norte-americana”<sup>8</sup>. Da mesma maneira que nos Estados Unidos, o recurso de transformação da pele branca em negra reflete a ‘noção de duplicidade e hibridismo étnico’ de que fala Willis, e é apresentada de forma espontânea no espaço do carnaval.

Outro tipo de fantasias com o corpo coberto de preto apresentadas por Alceu, as *blackamoors*. As *blackamoors* são figuras de cerâmica do século XVIII, que na década de 20 influenciaram uma tendência conhecida como *slave collars* e *slave bracelets* (WALTERS, CUNNINGHAM, 2005, pg. 72.), ou colares e braceletes de escrava, ou seja, muito grandes e de ouro rústico, como as mulheres africanas usam comum. Podemos observar na **figura 05** que a negra aqui é apresentada



**Figura 05** - Fantasias de *blackamoor*. Figura 05 a – 31 de janeiro de 1953; figura 05 b – 13 de fevereiro de 1960; figura 05 c – 11 de fevereiro de 1961; figura 05 d – 05 de fevereiro de 1949.

como uma figura luxuosa, numa representação totalmente diversa das fantasias de escrava. A inserção do negro como referência cultural na década de 20 se deu pelo aspecto pitoresco, primitivo e exótico. A fantasia de *blackamoor* permaneceu aparecendo na criação de Alceu como referência da figura étnica exótica<sup>9</sup>.

Na produção de fantasias de carnaval de Alceu Penna publicadas em O Cruzeiro foram encontradas diversas fantasias representando temas de influência africana ou afro-brasileiros. Entre elas se encontram fantasias intituladas África, Harlem, maracatu, batuque, Haiti e candomblé. Porém, somente duas dessas fantasias são representadas por mulheres 'negras'. Na verdade, elas apresentam um tom de pele morena clara. Até mesmo uma fantasia intitulada 'mulata', que apresenta um vestido de chita de saia ampla, (**figura 06 c**) é representada por uma mulher branca.



**Figura 06** - Mulheres 'negras' – uma árabe, uma afro-brasileira e uma mulata 'branca'. Figura 06 a – 17 de janeiro de 1942; figura 06 b – 24 de janeiro de 1953; figura 06 c – 03 de janeiro de 1948.

A primeira fantasia é intitulada 'huri'<sup>10</sup>, e representa uma mulher árabe. Já a fantasia da **figura 06 b** é intitulada 'lundu', que, segundo o José Ramos Tinhorão "aparecia como a primeira forma de batuque africano estruturado em moldes de coreografia e de ritmo possíveis de serem imitados não apenas por mestiços, mas, também, pelos brancos colonizadores e seus descendentes nacionais" (SEBE, 1986, pg. 40). A mulata que representa o lundu apresenta pele clara, porém seu cabelo afro reafirma sua origem africana. Não é possível determinar as razões de Alceu e da revista *O Cruzeiro* para apresentarem somente essas duas figuras não-brancas, em meio a tantas fantasias de inspiração afro, representadas por mulheres brancas. Acredito que Alceu apresentasse mais vezes figuras negras para a revista, e que essas fossem consideradas inapropriadas para a publicação. De acordo com Lília Schwarcz, "Na verdade, raça, no Brasil, jamais foi um termo neutro; ao contrário, associou-se com frequência a uma imagem particular do país" (SCHWARCZ, 2004, pg. 193)<sup>11</sup>. Seguindo essa hipótese, e considerando a porcentagem mínima que representam diante do total (0,18%) as fantasias das figuras **06 a e 06 b** podem ter sido incluídas sem que a direção da revista tenha percebido que se tratava de figuras negras.

O empenho de Alceu em inserir as referências da cultura negra em seu trabalho está expresso claramente em sua produção de fantasias para a revista *O Cruzeiro*. Infelizmente, a representação de mulheres negras não estava de acordo com as diretrizes da revista. Mesmo assim, o ilustrador se utilizou da criação de moda para apresentar de maneira desejável figuras tão controversas como escravas.

Podemos perceber, através das fantasias apresentadas neste artigo, que os símbolos mestiços que estavam sendo oficializados como representantes da cultura brasileira nesse período ainda não eram facilmente aceitos pelas elites. Mesmo assim, Alceu Penna reconhece em seu trabalho a importância dessas referências culturais, apresentando-a em modelos de fantasias que eram copiados pelas mulheres<sup>12</sup>, e possibilitando, assim, um novo olhar das mulheres brancas sobre as mulheres negras.

## Referências

- BASSANEZI, Carla. URSINI, Leslye Bombonato. **O Cruzeiro e As Garotas**. Disponível em: <http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad04/pagu04.13.pdf>. Acesso em: 21 de março de 2009.
- CUNHA, Fabiana Lopes da. **Da marginalidade ao estrelato: o samba na construção da nacionalidade (1917 – 1945)**. São Paulo: Annablume, 2004.
- DAMATTA, **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- JUNIOR, Gonçalo. **Alceu Penna e as garotas do Brasil: moda e imprensa (1933/1980)** – São Paulo: CLUQ, 2004.
- PENNA, Gabriela Ordones. **Vamos Garotas! Alceu Penna: moda, corpo e emancipação feminina (1938-1957)** – Dissertação (Mestrado em Moda, Cultura e Arte), Centro Universitário Senac, São Paulo, 2007.
- SCHUMAHER, Schuma. VITAL BRAZIL, Érico. **Mulheres Negras do Brasil**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. Nem preto, nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In Lilian Schwarcz (Org.): **História da Vida Privada no Brasil. Contrastes da intimidade contemporânea** – São Paulo: Companhia das Letras, 2004, v. 4.
- SEBE, José Carlos. **Carnaval, carnavais**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- SEELING, Charlotte. **Moda: o século dos estilistas 1900-1999**. Colonia: Annablume, 1999.
- SERPA, Leoni Terezinha Vieira. DIEHL, Astor Antônio. **A máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp000097.pdf> .Acesso em: 13 de março de 2009.
- VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. Editora UFRJ, 1995.

WALTERS, Linda. CUNNINGHAM, Patricia A. **Twentieth-century American Fashion**. Oxford – Berg, 2005.

Revista O Cruzeiro, Ano XIII, n° 27, 31 de maio de 1941

Revista O Cruzeiro, Ano XIV, n° 17, 21 de fevereiro de 1942

### Webgrafia

Josephine Baker: The First Black Superstar, Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=D8M6vSZMB2U&feature=PlayList&p=A5ED53BA0DE603FD&index=0&playnext=1>. Acesso em: 23 de outubro de 2009.

Dicionário Houaiss, verbete 'huri', Disponível em:

<http://dic.busca.uol.com.br/result.html?t=10&ref=homeuol&ad=on&q=huri&group=0&x=30&y=8>. Acesso em: 23 de outubro de 2009.

The Jazz Singer, Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/The\\_Jazz\\_Singer](http://pt.wikipedia.org/wiki/The_Jazz_Singer). Acesso em: 13 de dezembro de 2009.

### Lista de ilustrações

Todas as ilustrações da Revista O Cruzeiro foram fotografadas no acervo da Biblioteca e Centro de Documentação do MASP.

**Figura 01:** Josephine Baker - <http://img.lital.com/image/465733/300full-josephine-baker.jpg>, consultado em 23 de outubro de 2009, às 12:45.

**Figura 02** (recorte): Reportagem. "Boneca de Pixe!". 25 de fevereiro de 1939. Revista O Cruzeiro, Ano XI, n° 17.

**Figura 03** (recorte): Seção As Garotas. "Garotas no Carnaval". 27 de fevereiro de 1960. Revista O Cruzeiro, Ano XXXII, n° 20.

**Figura 04 a** (recorte): Seção de modas. "Inspiração tropical". 29 de janeiro de 1949. Revista O Cruzeiro, Ano XXI, n° 15.

**Figura 04 b** (recorte): Seção de modas. "Sete criações inspiradas em Debret e Rugendas para o carnaval deste ano". 10 de março de 1962. Revista O Cruzeiro, Ano XXXIV, n° 22.

**Figura 04 c** (recorte): Seção de modas. "Fantasias". 06 de março de 1943. Revista O Cruzeiro, Ano XV, n° 19.

**Figura 04 d** (recorte): Seção de modas. "Canções". 14 de fevereiro de 1942. Revista O Cruzeiro, Ano XIII, n° 16.

**Figura 05 a** (recorte): Seção de modas. "Bailes". 31 de janeiro de 1953. Revista O Cruzeiro, Ano XXV, n° 16.

**Figura 05 b** (recorte): Seção de modas. "Fantasias". 13 de fevereiro de 1960. Revista O Cruzeiro, Ano XXXII, n° 18.

**Figura 05 c** (recorte): Seção de modas. "Fantasias". 11 de fevereiro de 1961. Revista O Cruzeiro, Ano XXXIII, n° 18.

**Figura 05 d** (recorte): Seção de modas. "Bailes". 05 de fevereiro de 1949. Revista O Cruzeiro, Ano XXI, n° 16.

**Figura 06 a** (recorte): Seção de modas. "Fantasias". 17 de janeiro de 1942. Revista O Cruzeiro, Ano XIII, n° 12.

**Figura 06 b** (recorte): Seção de modas. "Folia". 24 de janeiro de 1953. Revista O Cruzeiro, Ano XXV, n° 15.

**Figura 06 c** (recorte): Seção de modas. "Fantasias". 03 de janeiro de 1948. Revista O Cruzeiro, Ano XX, n° 11.

## NOTAS

1. Nesse trabalho, foram estudadas as fantasias de baiana, que representavam grande porcentagem das fantasias de carnaval de Alceu. Além da pesquisa teórica, foram reproduzidas quatro fantasias. O Trabalho de Conclusão foi apresentado para o curso de Bacharelado em Design de Moda – Habilitação em Modelagem, em dezembro de 2009.

2. Segundo James Clifford, “essa identificação de interesses pelas ‘coisas negras em geral’ proveio da Paris do fim da década de 1910 e início da seguinte, onde havia um crescente movimento em busca do exótico e primitivo”. In. CUNHA, 2004, pg. 28.

3. Cf. *Josephine Baker: The First Black Superstar*, em <http://www.youtube.com/watch?v=D8M6vSZMB2U&feature=PlayList&p=A5ED53BA0DE603FD&index=0&playnext=1>

4. Para Freire, uma das causas desse movimento seria a “tendência para a sinceridade,... que está fazendo o brasileiro ser sincero num ponto de reconhecer-se penetrado da influência negra” In VIANNA, 1995, pg. 27.

5. Alceu venceu os concursos da AAB - Associação de Artistas Brasileiros, promovidos pela prefeitura do Rio de Janeiro, em 1935 e 1936, em diversas categorias. Sobre seu trabalho em cassinos, Gonçalo Junior conta, na biografia de Alceu, que “até o fechamento das luxuosas casas de jogo pelo presidente Eurico Gaspar Dutra, em 1946, ele trabalha em todos os cassinos mais famosos do Rio”. JUNIOR, 2004, pg. 40.

6. Cf. PENNA, 2007.

7. Porcentagem referente às fantasias registradas na pesquisa Fantasia de carnaval de Alceu Penna.

8. Informação obtida pela orientadora desse trabalho, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Claudia Bonadio, em pesquisa no apartamento da irmã de Alceu, Thereza Penna.
  
  9. In *The Jazz Singer*, [http://pt.wikipedia.org/wiki/The\\_Jazz\\_Singer](http://pt.wikipedia.org/wiki/The_Jazz_Singer), consultado em 13 de dezembro de 2009.
  
  10. Para Susan Harnel, a associação do jazz americano com as figuras de *blackamoor*, mais orientais, facilitou sua aceitação na sociedade americana. Idem.
  
  11. Segundo definição do dicionário Houaiss, huri significa "1 - moça de grande beleza que, segundo o Alcorão, desposará no paraíso o crente muçulmano e 2 - Derivação: por extensão de sentido. Mulher muito bonita". In <http://dic.busca.uol.com.br/result.html?t=10&ref=homeuol&ad=on&q=huri&group=0&x=30&y=8>, consultado em 23 de outubro de 2009 às 18:40.
  
  12. Heloísa Buarque de Hollanda relembra que as fantasias de carnaval eram fielmente copiadas pelas costureiras de bairro. Apud PENNA, 2007, pg. 116.
-